

## Não abduco de seriedade em troca de audiências

Não posso fingir que não escutei as suas acusações, senhora ministra da Educação, nem muito menos ignorar que as interpretei tal qual fez questão de transmiti-las, durante a entrevista que deu ao Telejornal de sexta-feira, dia 23 de Junho.

Como sabe, acusar um jornalista de manipulação é uma das mais graves imputações que se podem fazer. Quero acreditar que a fez julgando ser esta a única saída política para uma reportagem que para todos nós, portugueses, é profundamente deprimente, mas é acima de tudo muito honesta e reveladora de uma realidade que não se manipula, existe mesmo.

Tenho de concordar que muitas verdades são extremamente difíceis de aceitar e se estivesse no seu lugar também me sentiria abalada com a reportagem "Quando a violência vai à escola" (transmitida pela RTP no dia 30 de Maio de 2006), mas jamais poria em causa o inquestionável e jamais me escudaria num argumento político medíocre e elementar que é, lamentavelmente, dizer que este trabalho não passa de uma criação de uma irresponsável jornalista que não tem mais nada para fazer a não ser "fabricar" casos. Não aceito. Compreende-me e sabe que tenho razão.

Eu e a estação de televisão que represento, a Rádio e Televisão de Portugal, não compramos intervenientes de reportagens, não oferecemos nada em troca de entrevistas e não ficcionamos verdades. Eu explico.

"Quando a violência vai à escola" retrata situações de agressividade e de mau comportamento não apenas na escola onde o sistema de vídeo foi instalado, mas também em todas as escolas onde leccionam os professores que aceitaram dar os seus testemunhos (falei com docentes de diferentes escolas como fiz questão de comunicar aos telespectadores). Veja como é de tal forma grave a vivência destes docentes no interior das escolas, que os próprios não aceitaram revelar a sua identidade. Sabe por que o fizeram, não sabe? Acredito que sim. Mas é lamentável que assim seja, não acha senhora ministra? Eu acho. É sinal de que algo não está bem, e não é manipulação.

Quanto àquilo que mais a atormentou e que ainda a perturba (o que me parece um bom sinal) são as imagens captadas pelo sistema de vídeo instalado em três salas de

aula, no bar, no átrio e junto ao refeitório de uma escola do país (locais escolhidos pela direcção da escola, que aqui fique bem claro) porque mostram aquilo de que se fala.

Nunca me ouviu dizer, no decorrer da reportagem, que todas as escolas têm situações iguais àquelas que mostrámos - não podia fazê-lo, não é verdade. O que é verdade é que nem os professores nem os alunos alteraram o comportamento habitual no interior das salas porque estavam a ser filmados.

Como sabe, a direcção da escola em causa fez questão de reunir todos os docentes do estabelecimento e pedir a sua opinião sobre o trabalho que a RTP estava a desenvolver. Os professores concordaram e o assunto ficou escrito e assinado em acta de escola. O que a senhora ministra desconhece, mas desde já tenho a gentileza de lhe comunicar, é que os docentes nunca tiveram conhecimento do dia em que o sistema de gravação começou a funcionar, justamente para evitar argumentos primários, como aquele que escutei - o de manipulação. Como vê, a seriedade deste trabalho, e de todos os outros que fiz e farei daqui para a frente, revela que há princípios de que não abduco, esteja em causa o que estiver, e sobretudo uma matéria tão delicada como esta.

Para que não restem dúvidas, comunico-lhe também que muitos dos alunos não identificados e inidentificáveis nesta reportagem visionaram com antecedência o trabalho e autorizaram a sua exibição. Quanto aos pais destas crianças, creio que já tem conhecimento, solicitaram o seu pedido de desculpas pelo mau comportamento dos filhos junto da direcção da escola.

Como a senhora ministra pode entender destas palavras, o que eu fiz não foi mais do que um serviço público que deve ser aproveitado para melhorar o que há para melhorar e não para denegrir o bom nome de alguém que em 15 anos de profissão nunca pôs em causa valores fundamentais.

Por este motivo só tenho que lamentar a sua apreciação, senhora ministra, mas talvez a tenha proferido num momento de maior fragilidade face ao assunto tratado.

*Mafalda Gameiro, Jornalista - RTP*